

A REANÁLISE FONÉTICO-FONOLÓGICA NA GRAMATICALIZAÇÃO DE [DISK^h]¹

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO*

RESUMO

Este texto enfoca a reanálise fonético-fonológica no processo de gramaticalização de [disk^h] no português brasileiro. Reestruturação de fronteiras, mudança no contorno entoacional e na realização segmental da forma fonte são alguns fenômenos verificados e que atestam o desenvolvimento de um predicado matriz de uma oração encaixada em um operador evidencial. A evidencialidade é o domínio das noções relativas à fonte do conhecimento enunciado na proposição.

PALAVRAS-CHAVE: reanálise fonético-fonológica, gramaticalização, [disk^h], evidencialidade.

INTRODUÇÃO

Apresento considerações relativas à reanálise fonético-fonológica, com consequências sintáticas e semânticas, observada no processo de gramaticalização da predicação matriz (*ele diz que* em um operador evidencial [disk^h] no português contemporâneo do Brasil, conforme se observa em (1) e (2):

- (1) [...] o deputado federal José Santana de Vasconcelos (PFL) prega uma aliança em torno do governador. *Ele diz* que o bom relacionamento entre o PFL, o PSDB e o PTB mineiros deve ser estendido ao plano federal. (EM–LJ)
- (2) L1 [...] e assim:: morreu um colosso de gente aqui em SP nessa ocasião que foi... [...].

* Professora da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Pesquisadora do CNPq.
E-mail: vcasseb2@terra.com.br

- (3) L2 *diz que* em Jundiá também enterravam... agora (dá um) [...] em [...] Campinas foi menos. (NURC/SP)

Esta investigação pretende trazer considerações a respeito do rearranjo do sistema de sons da língua no desenvolvimento de novas funções para formas preexistentes. A atenção a fenômenos como velocidade de fala e tessitura faz que este trabalho venha na contramão daqueles que veem as descrições funcionalistas negligentes quanto à análise do valor dos sons nos sistemas linguísticos. Inicialmente, trago observações sobre a reanálise em processos de gramaticalização e apresento o *corpus* de análise. Em seguida, descrevo um uso gramaticalizado de [*diskʰ*], o operador evidencial indireto de boato, considerando-se o rearranjo fonético-fonológico a que a forma fonte do processo foi submetida. A título de conclusão, apresento consequências fonológicas, prosódicas e discursivo-pragmáticas dessa reconfiguração sistêmica.

1 GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE

Para tratar da reanálise observada na descrição do paradigma gramatical constituído pelos usos de [*diskʰ*] operador evidencial, recorri aos trabalhos de Sweetser (1990), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Traugott e König (1991), Hopper e Traugott (1993), Thompson e Mulac (1991), Neves (1997), entre outros.

Estudiosos explicam a gramaticalização como uma extensão gradual de uso de uma entidade original em termos da correlação metáfora/metonímia, conforme propõem Heine, Claudi e Hünemeyer (1991). Neves afirma que “dois mecanismos estão aí envolvidos: transferência conceptual (que é metafórica e se relaciona com diferentes domínios cognitivos) e reinterpretação induzida pelo contexto (que é metonímica e resulta em conceitos interseccionados)” (1997, p. 135).

O reconhecimento da coatuação da metáfora e da metonímia no processo de gramaticalização não impede que se questione a preponderância de um desses mecanismos nas mudanças em direção ao domínio evidencial. Traugott e König (1991, p. 213) atribuem responsabilidade maior à metonímia. Sweetser (1990), ao contrário,

reconhece a metáfora como o principal mecanismo desencadeador das mudanças em direção aos significados que qualificam o grau de verdade do conteúdo proposicional, atuando como uma espécie de *mapeamento reduzido* de um significado básico, ou como a extensão de um sentido modal superordenado.

No caso em questão, prefiro não pensar em preponderância, mas em pertinência contextual, pragmática e cognitiva: por analogia, a metáfora aciona o processo polissêmico inicial e causa alterações no eixo paradigmático; a partir disso, por reanálise, a metonímia provoca alterações no eixo sintagmático e faz gerar um novo significado gramatical do domínio evidencial.

No [*disk'*] de significação evidencial gramatical, há uma vinculação entre o predicado matriz e o complementizador. Esse fenômeno implica outros três processos: a degeneração morfológica da marca de pessoa, a cristalização da forma fonte flexionada na terceira pessoa, singular, indicativo, presente, e a dependência morfológica entre a forma cristalizada e o complementizador: o *que* deixa de ser uma entidade autônoma.

Os exemplos a seguir indiciam a reanálise (alteração de fronteiras no eixo sintagmático) que levou a construção fonte a se constituir como unidade significativa. Textos de literatura romanesca, de autores diversos, trazem a expressão [*disk'*] na função operador evidencial de boato grafada como uma única palavra, como em (3), ou, ainda, grafada com apóstrofo, como em (4):

- (3) – O turco só quando chegou perto do homem reparou na sua grandeza e se espantou:
– Homem, como o senhor é grande! [...]
– *Diz-que* Deus fez eu no mesmo dia que fez o Brasil e nesse dia tinha levantado com mania de exagero, com o perdão da palavra. Tenho para mais de dezena de arrobas de peso e quase que braça e meia de comprimento. (ID–LR)
- (4) – O corpo de Inacinho ficou o tempo todo fechado no caixão, proibido de ninguém ver ele, mo'de o estrago... Seu Xisto do Engenho? Veio sim, vieram de volta o povo todo; cada um de embornal mojado, mas tudo milho carunchado, sem serventia... Seu Tonho Inácio parece que 'tá com muita esperança mas é um zunzum que chegou do Campanário: *diz'que* Seu Isé de

Arimatéia foi visto de noite, já descendo o Caramujo, por uns cujos que velavam a criança defunda numa casa de tábuas...(CH-LR)

Mais que indício de reanálise, da alteração de fronteiras inerente ao desenvolvimento da nova função gramatical, a tentativa de reproduzir na modalidade escrita aspectos entoacionais, fonético-fonológicos e morfossintáticos, cuja verificação plena só é possível em situações de interação na modalidade falada, demonstra que o usuário da língua tem cognitivamente internalizado o princípio de que a língua é dotada de um dinamismo que a faz estar em constante transformação, e que permite o recrutamento de formas preexistentes no sistema linguístico para codificar novos significados.

Hopper e Traugott (1993, p. 170) afirmam que a decategorização leva à redução da finitude do verbo. Entre as consequências da eliminação de fronteiras morfológicas, está a perda das capacidades de restrição seletiva e de flexão, inerentes aos verbos plenos. O *diz que* recategorizado como um operador evidencial não seleciona mais um primeiro argumento e não mais aceita as flexões de tempo, modo e pessoa.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 212 ss.) apresentam a gramaticalização como um ciclo – noção que reflete bem o dinamismo linguístico, no qual a reanálise atua como um processo de reestruturação que leva à reinterpretação das funções morfológicas: um predicado matriz é reanalisado como uma partícula evidencial, tornando-se membro da categoria gramatical dos operadores evidenciais.

Thompson e Mulac (1991) observaram, no desenvolvimento de verbos de atitude proposicional em modalizadores epistêmicos parentéticos no inglês, um efeito da reanálise sobre todo o enunciado. De igual modo, observei esse mesmo efeito em relação ao enunciado qualificado pelo *diz que*: o que era predicado encaixado torna-se predicado matriz, e o que antes era um predicado matriz funciona como operador evidencial, ou seja, incide sobre toda a proposição encaixada.

Tabor e Traugott (1998) atestam que as mudanças de elementos do mundo (referenciais) para elementos do discurso (não referencial) são naturalmente correlacionadas ao aumento de escopo gramatical porque significados mais abstratos referem-se a uma ampla variedade de circunstâncias.

O princípio da *especialização* (HOPPER, 1991) dita que os elementos em processo de gramaticalização tendem a ter sua frequência de uso aumentada. Isso sugere uma ampliação da capacidade de escopo desses elementos, uma vez que o aumento do número de ocorrências de um item pode ocasionar maior diversidade de contextos sintagmáticos nos quais ele pode ser usado.

A impossibilidade de material interveniente a *diz* e *que* – que tem relação com fixidez de ordem – e a sua capacidade de mobilidade na cadeia sintagmática – que tem relação com aumento de autonomia, de campo de incidência (de escopo) – são outros aspectos morfossintáticos da gramaticalização da construção matriz *diz que* em uma unidade funcional. É o que se observa com base em (5).

- (5) – Mas como é que o padre explica essas coisas todas que a Luzia faz?
– *Diz ele que* há pessoas assim no mundo porque os demônios entram no corpo delas.
– *Diz que* nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esses e que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente. Winter cuspinhou os pedaços de folha de laranjeira que tinha na boca.
– Não acredite, dona. Não há tal coisa. (TS–LR)

Em um mesmo contexto comunicativo (5), ocorrem as formas *fonte* e *alvo*. No uso não gramaticalizado, com maior traço de concretude, há uma inversão na posição do pronome de terceira pessoa sem que haja qualquer modificação no estatuto sintático e semântico do item. O uso sem o pronome é ambíguo, pode receber interpretação de um predicado matriz em que o primeiro argumento, sujeito (*o padre*), não é expresso lexicalmente, ou pode ser interpretado como um operador evidencial de boato. Nesse caso, é impossível a interveniência de qualquer material linguístico entre os elementos. Se inserirmos o pronome pessoal entre *diz* e *que*, a única leitura aceita é a de predicado matriz. Essa ambiguidade também ajuda a mostrar a gradualidade inerente à gramaticalização. Logo, essa vinculação faz do *diz que evidencial* uma unidade funcional e, como tal, a ordem dos seus componentes tende a ser fixa: invertê-la significa alterar toda a constituição linguística dessa expressão.

A fixidez na ordem decorre da justaposição (ou *vinculação*) uma das propriedades dos itens em gramaticalização incipiente. À medida que o processo avança, dá-se a *coalescência*, que envolve cliticização e/ou afixação.

Em todas as ocorrências do uso mais gramatical do *diz que* encontradas no *corpus*, esse operador ocupa a posição inicial. Porém, em situação de fala do dia a dia, detectamos esse elemento em posição final, incidindo anaforicamente sobre a proposição. A inversão da posição do *diz que* evidencial em (5a) não altera a gramaticalidade e/ou o valor semântico do enunciado.

(5a) – Nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esses em que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente, *diz que*.

Uma explicação simplificada para alguns desses processos anteriormente mencionados é a seguinte:

Ao gramaticalizar-se, um item lexical perde substância semântica e fonética. Quando um item lexical “migra” para a gramática, ele passa a comportar-se como um morfema livre (no caso dos auxiliares), ou como morfema preso (no caso dos afixos derivados de um morfema livre). (CASTILHO, 1997, p. 29)

Hopper e Traugott (1993, p. 201) dizem que verbos de atitude proposicional quando em função parentética modal – ou seja, quando atuam como qualificadores de uma asserção – possuem menor altura tonal do que esses mesmos verbos quando principais.

Essas observações sobre o padrão entoacional dos evidenciais e sobre a reanálise morfossintática que gerou a constituição do *diz que* evidencial como uma unidade funcional direcionam para a investigação das prováveis mudanças fonético-fonológicas da forma fonte, as quais são relacionadas principalmente ao enfraquecimento vocálico e consonantal, à mudança na posição do acento, à altura e à posição do tom, ou seja, à mudança na sílaba ao qual o tom é associado (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 145). Tudo isso traz como consequência uma reorganização dos segmentos fonológicos, de modo que as fronteiras prosódicas são alteradas.

A investigação de alterações fonético-fonológicas exige certa especialização do analista, e essas alterações, geralmente, deixam de ser analisadas em trabalhos de cunho descritivo. Porém, não se pode deixar de considerar que às evidências semânticas e morfossintáticas em favor da autonomia do *diz que* como operador evidencial, nas quais está implícita uma nova constituição dos segmentos fonológicos, soma-se uma nova organização prosódica dos segmentos da expressão. Mudanças na realização segmental e no contorno entoacional são intuitivamente percebidas, mas o desejo de uma investigação mais completa me instigou a realizar a análise prosódica com o objetivo de identificar evidências fonológicas a favor da hipótese de gramaticalização de *diz que* e, conseqüentemente, da formação de um paradigma evidencial gramaticalizado no português do Brasil.

2 A REANÁLISE NO PLANO FONÉTICO-FONOLÓGICO: A GRAMATICALIZAÇÃO DE [DISK^t]

2.1 A eleição do *corpus* e do suporte teórico-metodológico

A escolha dos dados e da metodologia foi uma questão básica para a sistematização da análise no nível fonológico. Os dados deveriam permitir uma análise entoacional, somente possível em língua falada, e o instrumental descritivo deveria estar em comunhão com os postulados que têm sustentado a investigação a respeito da gramaticalização do *diz que* e que teve como *corpus* núcleo aquele constituído por dados do português escrito contemporâneo do Brasil e sediado na Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Araraquara (CASSEB-GALVÃO, 2001).

Dik (1989) traz o esboço de um estudo das formas e funções dos contornos prosódicos das sentenças, considerando-os como a expressão de um grande número de propriedades de diferentes níveis da estrutura subjacente da cláusula. Dik (1989) segue as orientações da escola britânica, que tem Halliday (1970)² como um marco para as propostas de análise prosódica que consideram as funções pragmáticas da linguagem.

Por isso, quanto ao objeto de análise, elegi como *corpus* auxiliar dados de língua falada culta do projeto NURC/BR. A princípio, sele-

cionei um inquérito de cada tipo disponível no *corpus*: D2 (diálogo entre dois informantes), DID (entrevista com documentador), e EF (elocução formal), em amostras de fala das cinco capitais que integram o projeto principal. O *diz que* operador evidencial ocorreu apenas em dados de São Paulo (D2), Recife (D2 e DID) e Porto Alegre (D2 e DID), não ocorrendo em elocuições formais.³

Feita essa triagem, entendi que trabalhar apenas com os inquéritos do tipo D2 permitiria alcançar falantes de um número maior de regiões do país e seria qualitativamente mais representativo do português brasileiro. Para uma investigação mais precisa, e evitando os riscos de variações idioletais, identifiquei os contextos nos quais um mesmo falante fizesse uso das formas *alvo* e *fonte*, o que não ocorreu em dados de Porto Alegre. Ao final, foram submetidas à análise fonológica ocorrências cujos informantes integram a mesma faixa etária – de 35 a 45 anos –, sendo dois do sexo masculino (D2-62) e dois do sexo feminino (D2-279).

As postulações de Dik (1989) apontam para um instrumental descritivo que abarca as principais propriedades entoacionais da língua. Esse instrumental é dotado de uma notação pictórica de fácil escrita e leitura, e é um recurso metodológico sensível às variações decorrentes das pressões do uso da língua.

Trata-se de um instrumental descritivo fonológico que permite a identificação das propriedades essenciais para a descrição prosódica dos diferentes usos de uma mesma cadeia sonora, principalmente no que diz respeito ao tom, ao acento e à entonação (ibid., p. 379).

Outra vantagem do modelo é favorecer uma interpretação de base auditiva que permite ao investigador verificar as diferenças prosódicas promovidas pela intenção comunicativa falante/ouvinte, diferenças essas nem sempre percebidas em uma análise fonética de base exclusivamente instrumental. As hipóteses que nortearam a análise foram as seguintes:

- 1 A reanálise semântica e morfossintática envolvida no desenvolvimento das construções que passam a representar uma única entidade significativa envolve a reestruturação das fronteiras fonológicas, principalmente por meio de um processo de amalgamação fonética. (HOPPER e TRAUGOTT, 1993)

- 2 O *diz que evidencial* tem contorno entoacional e realização segmental diferentes em relação ao *diz que* predicado matriz, lexical. Essas diferenças prosódicas podem ser interpretadas como evidências do papel gramatical da função evidencial.

Dik (1989, p. 398-399) arrola os principais passos para se proceder à estruturação da composicionalidade do contorno prosódico final de uma expressão linguística com base na informação contida na estrutura subjacente da cláusula: 1) determinar as posições características dos acentos; 2) determinar os efeitos dos acentos determinantes de funções pragmáticas, mapeando-os na forma de movimentos ascendentes ou descendentes das posições acentuais; 3) determinar os movimentos que ocupam as fronteiras internas e externas das cláusulas; 4) determinar e mapear os movimentos de altura (*pitch range*); 5) mapear a expressão quanto aos níveis entoacionais; e 6) inserir em linhas paralelas os movimentos acentuais e os movimentos de altura.

A verificação de (1) e (2) segue esses passos e atenta para os elementos prosódicos explicitados abaixo:

- a) entoação: variações melódicas da fala relacionadas às funções gramaticais;
- b) tessitura (T): variação na altura da melodia da fala, que é percebida como alta (T+) ou baixa (T-) em relação à tessitura-padrão (T) normal de cada falante;
- c) velocidade da fala: relacionada à dinâmica da fala, implica a aceleração (V+) ou a desaceleração (V-) em relação ao padrão de fala normal (V) de cada falante; a velocidade da fala, somada ao movimento de altura, delimita fronteiras prosódicas (H);
- d) acento: duração da sílaba nos enunciados. A localização da sílaba tônica saliente é fundamental para a caracterização de um grupo tonal e do tipo de informação gramatical associada ao enunciado à que a sílaba tônica pertence;
- e) segmentos: expressão da composição básica dos segmentos fonéticos.

A unidade de entoação no português brasileiro é o *grupo tonal* (GT), que também é uma unidade [básica] de ritmo,⁴ representado por duas barras inclinadas (/ /). Cada GT é composto por um ou mais pés, a unidade rítmica compreendida entre duas barras inclinadas. Cada pé

contém pelo menos uma sílaba forte, representada por um ponto (.), e um número relativo de sílabas não acentuadas (fracas). Os pés que iniciarem um grupo tonal sem ter uma sílaba acentuada no início terão uma sílaba tônica *silenciosa* marcando o início do pé. A primeira sílaba tônica acentuada de um pé é a *silaba tônica saliente*.

Um GT representa uma unidade informacional da intenção comunicativa do falante, e o modo de distribuição de GTs, a *tonalidade*, exerce um papel de muita importância na organização discursiva. Eles podem ser do tipo simples ou composto, caso tenham, respectivamente, uma sílaba saliente tônica ou duas, e, conseqüentemente, tenham uma ou duas mudanças notáveis do contorno melódico. As variações melódicas da fala podem ser simples, com um contorno descendente (D), ascendente (A) ou nivelado (N), ou complexas, com movimentos combinados entre esses três tipos de contornos mencionados.

Há pelo menos cinco níveis na escala entoacional, que vai de um tom baixo a um tom alto, apresentando tons intermediários. Os níveis de altura melódica dos contornos tonais são alto (a), meio-alto (ma), médio (m), meio-baixo (mb) e baixo (b). Pictoricamente, os níveis tonais são marcados com barras verticais (||) e os contornos melódicos são representados entre barras paralelas, a chamada *pauta entoacional*. A característica melódica do tom concentra-se na sílaba tônica saliente, mas, como unidades entoacionais, os tons são os contornos melódicos dos GTs.

Dik (1989, p. 396-397) relaciona a funcionalidade prosódica a operadores ilocucionários, efeitos pragmáticos e expressões de valor emocional, o que é relevante para a distinção funcional que se pretende mostrar mais adiante e para a articulação entre os vários fenômenos prosódicos que pretendo estabelecer na análise.

Outro elemento prosódico relacionado à variação de altura é a tessitura. A tessitura é um mecanismo de ação coesiva, usado para atribuir valores relativos a partes ou unidades de informação que desempenham uma função sintática semelhante à das conjunções, isto é, que estabelecem vínculos oracionais. Uma variação na tessitura somente ocorre no início de um grupo tonal, ou seja, só há alteração da tessitura nas fronteiras da estrutura entoacional. Para Dik (1989, p. 395), isso significa dizer que o contorno prosódico sempre coincide com a cláusula.

Em suma, quando se muda a entoação de um enunciado, muda-se seu valor funcional, podendo haver também mudança na tessitura. E, na aplicação desses postulados, espera-se que os usos do *diz que* com maior traço de concretude e mais abstratos possam ser diferenciados também por sua configuração entoacional.

2.2 A análise

Nos enunciados a seguir, os grupos tonais em *itálico* exemplificam os contextos que servem de base para a análise, dos quais também apresento as realizações da tessitura e da velocidade de fala.

(6) L2... // pelo que eu converso com a nossa colega
 T+V- _____ T+V-
// ela diz que é melhor // dá mais trabalho. ...
 (NURC/SP, D2-62, M)

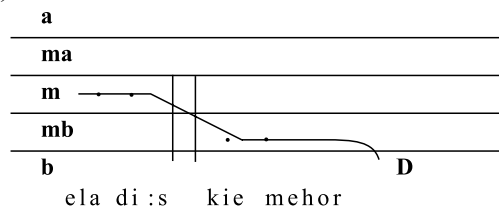
(7) T-V+ _____ T-V+
 L2... // *éh // diz que agora // ...estão partindo ...*
 (NURC/SP, D2-62, M)

(8) T-V+ _____ T-V+
 L2... // *diz que o indivíduo // ele:... paga trinta anos*
 (NURC/SP, D2-62, M)

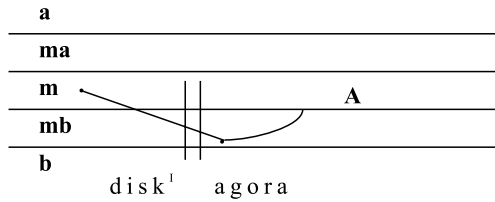
(9) T-V+ _____ T-V+
 L2 .. // *então // diz que o americano // não liga para isso*
 (NURC/SP, D2-62, M)

A transcrição segmental e a análise entoacional dos GTs em *itálico*, objeto central desta análise, resultam em:

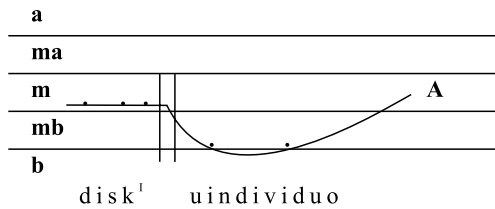
(6a)



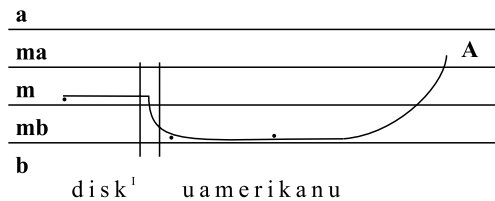
(7a)



(8a)



(9a)



Em (6a), tem-se a transcrição segmental e a representação pictórica entoacional de um enunciado com a forma fonte, o [d i s k i] predicado matriz. Os demais exemplos explicitam o [d i s k i] operador evidencial, mais abstrato. Pode-se observar que, no uso mais concreto, a sílaba tônica saliente recai sobre o verbo e que, entre ele e o complementizador, há um movimento entoacional, indiciando uma fronteira significativa. Ou seja, há evidências de que esses dois segmentos pertencem a dois grupos entoacionais diferentes. Quanto ao uso mais abstrato, em todas as ocorrências analisadas, o movimento de altura recai sobre o contexto posterior ao operador, indiciando que [d i s k i] constitui um único grupo tonal, formando um único pé, o que indica, portanto, que os seus constituintes segmentais integram uma mesma unidade significativa.

Outra diferença significativa entre os usos [+concreto] e [+abstrato] diz respeito à variação e aos níveis de altura melódica dos tons. O contorno entoacional do uso [+concreto], relacionado às asserções *realis*, vai do nível médio (m) para o nível meio-baixo (mb), numa variação descendente (D); no uso [+abstrato], relacionado às asserções *irrealis*, a escala é a mesma (m>mb), mas a direção é de variação ascendente.

Essa diferença ratifica a generalização de que “parece ser válido dizer que os contornos entoacionais descendentes significam algo certo e os contornos ascendentes, algo incerto” (CAGLIARI, 1980, p. 320-321).

Quanto à velocidade e à tessitura da fala, observa-se que, em todo o enunciado em que o [d i s k i] aparece, não há nenhuma alteração no que se considera o padrão normal; já na realização do [d i s k ^t], ao contrário, a velocidade é rápida e a tessitura, baixa em relação à realização do restante do enunciado e ao padrão normal do uso [+concreto].

3 CONCLUSÕES

A aceleração da velocidade e a baixa tessitura caracterizam o operador evidencial e também funcionam como recurso estratégico de descomprometimento do falante sobre o que assevera na proposição: acelerando o fluxo de sua fala, a atenção do ouvinte recai sobre o conteúdo asseverado e não sobre a indicação de fonte diversa expressa pelo operador.

Efeitos fonológicos da aceleração são a redução da vogal [i] no final do segmento e a amalgamação dos morfemas integrantes da construção *fonte*. Tal enfraquecimento e tal vinculação, que contribuem para a constituição da nova estrutura segmental [d i s k ^t], são reconhecidos na literatura especializada como as primeiras e principais alterações fonético-fonológicas envolvidas nos processos de gramaticalização. Gaeta (1998, p. 92) reconhece o enfraquecimento de vogais em sílabas finais não acentuadas como um dos principais fatores fonológicos que levam à reanálise em processos de gramaticalização.

Além disso, esses resultados corroboram as observações de Hopper e Traugott (1993) de que as alterações fonético-fonológicas envolvidas na gramaticalização de qualificadores da proposição rela-

cionam-se ao enfraquecimento vocálico e consonantal, e à alteração na posição do acento, na altura e na posição do tom – ou seja, relacionam-se à mudança na sílaba à qual o tom é associado.

A explicitação dos processos envolvidos no desenvolvimento do *diz que* como operador evidencial atesta a fluidez de novos usos no sistema linguístico do português brasileiro e faz visível o princípio da gramática emergente – para muitos uma abstração teórica –, subjacente às capacidades e/ou habilidades cognitivamente organizadas dos usuários das línguas.

Uma evidência disso é o fato de os processos envolvidos nessa mudança especializada que é a gramaticalização atingirem todos os domínios constitutivos das expressões linguísticas.

PHONETIC-PHONOLOGICAL REANALYSIS IN THE [*DISK*^t] GRAMMATICALIZATION PROCESS

ABSTRACT

This paper focuses on the phonetic-phonological reanalysis of the [*disk*^t] grammaticalization process in the Brazilian-Portuguese language. Border restructuring as well as changes in the intonational contour and in the segmental realization of the source-form are some of the observed phenomena that suggest the development of a matrix predicate of an embedded clause in an evidential operator. Evidentiality refers to the notional domain related to the source of knowledge uttered in the proposition.

KEY WORDS: phonetic-phonological reanalysis, grammaticalization, [*disk*^t], evidentiality.

NOTAS

- 1 O conteúdo deste texto foi apresentado em mesa-redonda, em evento em homenagem à professora Maria Helena de Moura Neves, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Araraquara, em agosto de 2008.
- 2 Halliday (1970) é referência metodológica para Cagliari (1980, 1981 e 1996) e Tenani (1996), descrições que envolvem entonação e sintaxe no português brasileiro. A leitura especializada de Luciane Tenani (Unesp/São José do Rio Preto) foi fundamental para a análise fonológica e prosódica de que derivou este trabalho.

- 3 A não ocorrência do *diz que* operador evidencial em textos de elocução formal, tal como se deu em relação aos textos de literatura oratória, era de certo modo esperada. Textos com maior grau de formalidade exigem mais comprometimento do enunciador em relação ao conteúdo asseverado.
- 4 A noção de ritmo baseia-se na repetição de determinados tipos de sílaba. A marcação do ritmo é fortemente vinculada à acentuação.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição dos fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. 2, p. 39-64.
- CAGLIARI, L. C. Elementos de fonética do português brasileiro. 1981. Tese (Livre-docência em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.
- CAGLIARI, L. C. Entoação do português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, n. 3, p. 308-327, 1980.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, Araraquara, 2001.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, UFBA, Salvador, n. 19, p. 25-64, 1997.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- GAETA, L. Some Remarks on Analogy, Reanalysis and Grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Eds.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 89-106.
- HALLIDAY, M. A. K. Language Structure and Language Function. In: LYONS, J. *New Horizons in Linguistic*. Harmondsworth: Penguin, 1970. p. 140-165.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 2, p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. C. Structural Scope Expansion and Grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Eds.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 229-272.

TENANI, Luciani Ester. *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da Gramática do português falado*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A Quantitative Perspective on the Grammaticization of Epistemic Parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 2, p. 313-329.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: _____; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1, p. 189-218.